

Seção aberta/Open section

A infertilidade feminina na pós-modernidade e seus reflexos na subjetividade de uma mulher

(Female infertility in post-modernity and its impact on woman's subjectivity)

Fernanda Eleonora Miranda*

Um trabalho clínico com mulheres inférteis desde 1997 serviu de apoio e inspiração a uma investigação sobre a infertilidade, que é definida, para fins deste trabalho, como a dificuldade ou impossibilidade de engravidar ou de levar a gravidez ao fim. O objeto de estudo refere-se aos aspectos psíquicos ligados à vivência da infertilidade feminina no contexto pós-moderno.

Utilizou-se como procedimento metodológico de pesquisa o estudo de caso em psicanálise, uma vez que a “construção de um caso clínico” é ancoragem necessária para a produção de pesquisa metapsicológica. Como método de leitura foi eleito aquele sugerido por Birman (2002): um trabalho de mão dupla que se utiliza de diálogos interdisciplinares e também de conceitos psicanalíticos a fim de elucidar o tema em discussão.

Foi realizado, então, um diálogo com os discursos filosófico e sociocultural mostrando que a situação social das mulheres altera sua posição subjetiva, o que leva a particularidades na experiência da infertilidade feminina. Assim, verificou-se que ser uma mulher infértil no contexto histórico dos séc. XVI, XVII e XVIII, no qual não se atribuía nenhum valor social e moral à maternidade, poderia ser pouco impactante. No séc. XIX, cujo contexto cultural convertia a

* Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; orientadora: Profa. Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira; e-mail: mirandaf@uai.com.br.

maternidade numa atividade nobre e na única possibilidade de realização feminina amparada socialmente, viver a infertilidade seria bem diferente. Já no cenário pós-moderno dos séc. XX e XXI, em que os movimentos feministas levaram a uma desobrigação em relação à maternidade, um novo modelo de feminilidade oferece variadas possibilidades de investimento com valor fálico que garantem gratificação narcísica, para além da função materna. Assim, na pós-modernidade, a maternidade foi atrelada ao poder de escolha da mulher, pôde ser questionada, adiada, mas continuou valorizada socialmente mantendo sua importância, principalmente, no que se refere à construção da identidade de mulher. O traço narcisista do mundo pós-moderno, por sua vez, reflete-se sobre os aspectos psíquicos ligados à infertilidade feminina. Ele leva a uma exigência de satisfação imediata e a uma idealização que visa a um estado conflitivo em que a falta estaria ausente, mas a infertilidade adia a satisfação e remete à falta. A cultura narcisista dificulta o encontro com limites, a experiência das perdas, mas a infertilidade veicula perdas, representa um “não à maternidade”, uma imposição que submete o sujeito a um limite. A infertilidade abala a imagem do corpo controlável e da gravidez programável engendrada pela contracepção. Leva à quebra da imagem narcísica superinvestida na atualidade da qual o corpo é vetor. O corpo que não atende às exigências narcísicas suscita uma fantasia de correção das falhas ontológicas por meio da tecnologia, que aponta para a ampliação de limites e promete passar a limpo o corpo rascunho que falha.

O discurso psicanalítico foi tomado a fim de se realizar uma reflexão sobre a infertilidade feminina. Trabalhou-se com a noção de subjetividade para a psicanálise, com os conceitos de narcisismo, castração, feminilidade e feminino. Pôde-se ver com o caso clínico que, diante da experiência da infertilidade, observam-se variações em torno do conflito edípico – sua ativação, questões referentes ao narcisismo, à castração, ao lugar do sujeito no triângulo familiar, sua “amarração” a relações mal resolvidas e a perdas mal elaboradas. Pôde-se confirmar que a infertilidade leva ao abalo de um projeto narcísico, provoca o retorno da libido ao eu e é vivida como ferida narcísica. O caso fez ver que fica reativado pela infertilidade tudo aquilo que se refere à castração como: conflitos neuróticos e a construção da identidade feminina, emergindo questões ligadas aos modelos identificatórios veiculados pela própria mãe relativos à feminilidade e à maternidade. Além disso, emergem questões relativas à inveja, especificidade da clínica da infertilidade feminina, pois vê-se o outro possuir o que se quer para si: o poder de criar na figura de uma barriga grávida.

Desse modo, a infertilidade leva a uma convivência obrigatória com limites, perdas do presente reativam antigas feridas, emerge a angústia diante da incompletude. Há um risco de apacramento da angústia pelo sujeito ou de ele posicio-

nar-se colado ao sofrimento. Mas a convivência com os limites impostos pela infertilidade pode levar ao desenvolvimento do sentido de realidade e à convivência com a vida como ela é, além de trazer uma possibilidade de subjetivação ímpar pela nova possibilidade de elaboração da castração que a mulher que não é infértil pode não ter. Não se trata de uma apologia da infertilidade ou da castração, mas de vicejar novas possibilidades de criação pela via fértil da sublimação, diante de um inevitável encontro com o feminino, agenciado de forma impositiva pela infertilidade.